



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## WITTGENSTEIN: ENTRE CIÊNCIA E ANTI-CIENTIFICISMO

Leo Peruzzo<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretendemos mostrar, neste artigo, que as observações de Wittgenstein no Tractatus sobre ciência não são objeções à sua instituição ou metodologia enquanto tal, mas à tendência cientificista de tomar a ciência como modelo para toda investigação e sua aspiração de alcançar a generalidade em suas explicações. Para tanto, discutimos como Wittgenstein ataca o velho argumento idealista que vê a impossibilidade de um acesso direto à realidade e propõe, em seu lugar, que a demonstrabilidade do conhecimento científico não pode ser plantado fora da linguagem. Por fim, argumentamos que a aversão de Wittgenstein não é, portanto, à ciência, mas ao grotesco cientificismo que se equivoca em seu próprio método e persuade o próprio compromisso da atividade filosófica.

**Palavras-chave:** Ciência; Cientificismo; Linguagem; Ciência Naturais; Wittgenstein.

### Wittgenstein: between science and anti-scientism

**Abstract:** The present paper aims at showing that the remarks of Wittgenstein in the Tractatus on science are not objections to its institution or methodology as such, but to the scientific tendency to take science as a model for all investigations and its aspiration to reach generality in its explanations. For this purpose, this paper discusses how Wittgenstein attacks the old idealist argument that sees the impossibility of direct access to reality and proposes, instead, that the demonstrability of scientific knowledge cannot be planted outside language. Finally, it is argued that the

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PUCPR. FAE Centro Universitário. FAVI – Faculdade Vicentina de Filosofia. E-mail: [leo.junior@pucpr.br](mailto:leo.junior@pucpr.br)

aversion of Wittgenstein is not therefore to science, but to the grotesque scientism that is equivocated in its own method and that persuades the very commitment of philosophical activity.

**Keywords:** Science; Scientism; Language; Natural Sciences; Wittgenstein.

## Introdução

Por exemplo, não é absurdo acreditar que a era da ciência e tecnologia seja o começo do fim da humanidade; que a ideia de grande progresso seja uma ilusão, como também a ideia de que acabaremos por conhecer a verdade; que não haja nada de bom ou desejável acerca do conhecimento científico e que a humanidade, ao buscá-lo, esteja caindo numa armadilha. Não é de maneira alguma óbvio que não seja assim que as coisas são.  
Wittgenstein, *Cultura e Valor*, p.56.

“Os cientistas têm uma atitude curiosa: ‘Ainda não sabemos isso; mas é possível sabê-lo; é apenas uma questão de tempo até que o saibamos!’ Como se tal fosse evidente”.  
Wittgenstein, *Cultura e Valor*, p.64.

Embora não se conheça muito sobre o pensamento de Wittgenstein antes dele voltar-se decisivamente à filosofia, sabe-se que ele leu Schopenhauer na adolescência, conheceu as perspectivas filosóficas de Heinrich Hertz<sup>2</sup> e Ludwig Boltzmann na fase de estudante e, por volta de 1908, os *Principles of Mathematics* de Bertrand Russell. Neste período, é provável que seu conhecimento de filosofia fosse inferior ao seu conhecimento da ciência, especialmente pela formação de seus estudos de engenharia em Berlim-Charlottenburg e, posteriormente, de sua pesquisa em aeronáutico quando estava em Manchester. De qualquer modo, como escreve Andrew Lugg (2019, p.211), por mais que Wittgenstein tenha se exercitado com problemas científicos concretos antes de se apresentar a Russell, o filósofo de Viena era singularmente indiferente a eles, resistindo à sugestão de que a filosofia pudesse se beneficiar de uma infusão de informações factuais. Na verdade, a atitude de Wittgenstein com a ciência reside especialmente com questões conceituais, isto

<sup>2</sup> Particularmente sobre a possível aproximação de Wittgenstein ao pensamento de Hertz, citado nos parágrafos 4.4 e 6.361 do *Tractatus*, ele ainda aparecerá no *The Big Typescript*, escrito por volta de 1933, momento em que Wittgenstein afirmará que “na forma como faço filosofia, toda a tarefa consiste em arranjar a expressão de tal maneira que problemas/inseguranças convincentes aparecem (Hertz)”. Assim, em tese, a ideia de Hertz de interpretar a relação entre afirmações sobre a natureza e a própria natureza como uma relação entre uma imagem e o que ela retrata continuará sendo assumida por Wittgenstein. Os trabalhos de Peter C. Kjaergaard, *Hertz and Wittgenstein’s Philosophy of Science*, e John M. Preston, *Wittgenstein, Hertz, and Boltzmann*, por exemplo, realizam uma reconstrução da aproximação entre os autores.

é, com o que é logicamente possível e não poderia ser extrapolado pelas próprias descobertas e teorias científicas.

Isso não significa dizer que Wittgenstein, portanto, seja um filósofo da ciência ou que sua atitude em relação a ela seja ingênua e descompromissada, como quando escreve, em *Cultura e Valor*, que questões científicas podem-lhe interessar, mas que elas nunca realmente são capazes de “agarrá-lo”. Talvez tenha sido justamente desta confusão que Ryle (1957, p.251) observe, alguns anos mais tarde, que Wittgenstein tenha sido “um profundo e influente filósofo da ciência, mas fora do círculo dos filósofos profissionais pouco se sabe sobre o homem e sua obra”. Já autores de filosofia da ciência como Thomas Kuhn e Paul Feyerabend, por exemplo, reconhecem a influência que receberam do pensamento de Wittgenstein: o primeiro, afirmando que o *paradigma* escaparia do conceito de regras, pois “a ciência normal é uma atividade altamente determinada, mas não precisa ser inteiramente determinada por regras. (...) As regras, segundo minha sugestão, derivam de paradigmas, mas os paradigmas podem dirigir a pesquisa mesmo na ausência de regras” (KUHN, 2009, p.66); o segundo, ao reafirmar o descaso pelos fenômenos e a indiferença à evidência, confessando que “tendo sido influenciado por Wittgenstein, Hanson e outros, estive, por algum tempo, inclinado pela segunda versão, mas parece-me, agora, que ela fica excluída tanto pela fisiologia (psicologia) quanto pela informação histórica” (FEYERABEND, 2011, p.135).

Assim, embora os escritos de Wittgenstein tenham proporcionado uma significativa reflexão filosófica sobre a ciência, eles estão longe de fornecer uma teoria da ciência ou, então, uma perspectiva para demarcar uma concepção de racionalidade científica (CONDÉ, 2021). Na verdade, a atitude de Wittgenstein para com a ciência é a partir de sua hostilidade à filosofia profissional e, por sua vez, ao tratamento de que elas seriam um estilo de pensamento em oposição ao outro, sobretudo pela especulação filosófica disfarçada de ciência. Particularmente no *Tractatus*, Wittgenstein, seguindo os passos Hertz e Boltzmann<sup>3</sup>, procura diferenciar os elementos empíricos da ciência, o qual ele não tinha nenhuma objeção, das teorias, pois estas sim estariam dentro dos limites impostos pela lógica. O *Tractatus*, portanto, procura tornar explícito o contraste kantiano entre a ciência, que representaria o mundo, e a filosofia, cuja tarefa consistiria em traçar os limites lógicos para a esfera

3 Sabe-se que Wittgenstein colocou Boltzmann e Hertz em primeiro e segundo lugar em uma lista de influências elaborada em 1931. É a partir deles, como afirma Lugg (2019), que Wittgenstein se vale da ideia de um espaço abstrato de possibilidades e toma quantidades e qualidade para admitir a representação por números. Por exemplo, ainda observa Lugg (2019, p.212), “dado seu treinamento científico, ele [Wittgenstein] não precisaria ser lembrado de que os físicos matemáticos identificam o tempo com pontos em uma linha unidimensional, correlacionais posições das partículas com pontos em um espaço tridimensional (cartesiano) e associam as posições de momentos de N partículas com pontos em um espaço de 6N-dimensional”.

da ciência natural.

Não é trivial dizer, por isso, que o problema metodológico da ciência para o Wittgenstein do *Tractatus* está enredado com um problema de caráter lógico-conceitual: “Não existe uma compulsão que faça uma coisa ter de acontecer pelo fato de outra ter acontecido. Só existe necessidade lógica” (TLP 6.37). Entretanto, neste sentido, como deveríamos situar afirmações do tipo “A Psicologia não é mais relacionada com a Filosofia do que com qualquer outra ciência da natureza” (TLP 4.1121), “A teoria Darwinista não tem mais que ver com a Filosofia do que qualquer outra hipótese da ciência da natureza” (TLP 4.1122), “A Filosofia delimita o domínio controverso da ciência da natureza” (TLP 4.113), “A Lógica não é uma doutrina, é um espelho cuja imagem é o mundo” (TLP 6.13), “A mecânica determina uma forma de descrição do mundo ao impor que todas as proposições da descrição do mundo têm que ser obtidas de uma certa maneira a partir de um número de proposições dadas” (TLP 6.341), “A mecânica é uma tentativa de construir todas as proposições verdadeiras, que usamos na descrição do mundo, a partir de um plano único” (TLP 6.343), “Através de todo o aparelho lógico as leis da Física falam dos objetos do mundo” (TLP 6.3431)? Tais afirmações parecem ilustrar, como mostramos no decorrer deste trabalho, que Wittgenstein procura apontar que as teorias científicas precisam libertar-se do cientificismo ingênuo que sustenta, por um lado, que as leis naturais descrevam necessidades do mundo e, por outro, que vê nas previsões científicas a autorização para suas descrições futuras.

## “A Filosofia delimita o domínio controverso da ciência da natureza” (TLP 4.113)

Ainda no aforismo 4.11 do *Tractatus*, Wittgenstein afirma que “a totalidade das proposições verdadeiras é toda ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais) e, na sequência, que “a filosofia não é uma das ciências naturais (A palavra ‘filosofia’ deve significar algo que esteja acima ou abaixo, mas não ao lado das ciências naturais.)” (TLP 4.111). Essa visão, obviamente, estabelece um primeiro contraste entre a função da ciência e a filosofia, sendo esta última responsável por refletir sobre a natureza e as próprias condições da representação. O problema é que a maioria das proposições em filosofia, segundo ele, não são falsas, mas simplesmente absurdos (TLP 4.003). Por isso, a filosofia difere das ciências em geral por seu caráter apriorístico, uma vez que ela, enquanto crítica da linguagem, não dispõe sobre os objetos, mas sobre o nosso modo de falar deles e esclarecer as proposições metafísicas que violam as regras da sintaxe lógica. Assim, neste sentido, que tipo de ciência tem em mente o filósofo ao estabelecer este distanciamento metodológico?

Estaria Wittgenstein, ao abordar o acesso indireto da realidade comprometendo-se, mesmo que de forma sutil, com os velhos problemas entre idealistas e realistas? É importante lembrar, além do mais, que Wittgenstein afirmará, mais adiante, que “o solipsismo, levado às últimas consequências, coincide com o puro realismo” (TLP 5.64). Em vista disso, o *Tractatus* parece cruzar, portanto, de um lado a perspectiva de que possamos ter uma experiência imediata dos objetos da realidade e, de outro, que as referências dos nomes sejam coisas independentes do sujeito ou, então, que as proposições sejam “modelos” da realidade (PERUZZO JÚNIOR, 2015; 2019a; 2019b).

Estas paradoxais afirmações já mostram, por si só, que o objetivo da ciência e da Filosofia no *Tractatus* denotam caminhos particulares e, em certa medida, complementares. Em que pese o argumento de que a primeira (a ciência) não apenas indique objetos particulares, mas classes naturais de objetos e que sua função seja descrever a realidade da qual se ocupam seus enunciados, a segunda (a Filosofia) consiste precisamente no “esclarecimento lógico dos pensamentos” (TLP 4.112), uma vez que “o resultado da filosofia não são ‘proposições filosóficas’, mas é tornar proposições claras” (TLP 4.112). Por isso, Wittgenstein parece ter claro que o material da ciência não é algo mental ou ontologicamente independente dos seres humanos, mas que a ciência corresponde apenas a uma versão da realidade. Deste modo, ao contrário da confusão impetrada pelo clássico argumento do realismo científico, segundo o qual, em linhas gerais, *os termos da ciência ou o produto da pesquisa científica bem-sucedida é o conhecimento de objetos independentes da teoria e externos à mente*, Wittgenstein está simplesmente rejeitando quaisquer posturas metafísicas que veem uma espécie de continuidade entre linguagens naturais e linguagens científicas (TEJEDOR, 2014; 2017). Sendo assim, o que significa dizer, no *Tractatus*, que as proposições científicas descrevem a realidade?

Segundo o *Tractatus*, as Ciências Naturais são constituídas por proposições genuínas porque afiguram fatos sobre o mundo, isto é, as teorias científicas, em última instância, lançam como que *redes* sobre o mundo. Tomasini Bassols (2010, p.18) afirma, por exemplo, “que uma teoria científica é, antes de tudo, um instrumento que permite, dependendo de sua fineza, uma melhor ou pior manipulação dos objetos”. Por sua vez, ao versarem sobre os objetos, somente poderiam fazê-lo indiretamente, abrindo espaço para o argumento de que as redes, isto é, as teorias científicas, são sistemas convencionalizados e, por fim, que Wittgenstein estaria advogando a favor de uma concepção instrumentalista de ciência. Ora, se as teorias científicas são construções simbólicas que trabalham através de coordenadas lógicas, então, o *Tractatus* parece estar habilitando algum tipo de idealismo sobre o conhecimento científico.

Entretanto, ao contrário do velho argumento idealista que vê a impossibilidade de um acesso direto à realidade externa, Wittgenstein sustenta que não há um véu mental que impede a demonstrabilidade do conhecimento científico. Trata-se, segundo ele, de um problema de caráter linguístico, haja vista que a linguagem da ciência estaria “atrás” da linguagem natureza. De qualquer modo, mesmo que as teorias científicas não nos digam algo acerca da estrutura última dos objetos e nosso acesso a eles seja apenas de forma indireta, este suposto “idealismo” é “filosoficamente inócuo” (Tomasini Bassols, 2010, p.19). Serve unicamente para atacar a posição metafísica do realismo científico, pois algo “plantado” fora da linguagem, mesmo que efetivamente existente seria carente de qualquer significatividade. Logo, para o *Tractatus*, não é necessária a ideia de representação como reconstrução mental, pois para afirmar-se o domínio da lógica é suficiente para mostrar o caminho de validade das proposições científicas. Assim, quando Wittgenstein afirma, por exemplo, que “a realidade deve, por meio da proposição, ficar restrita a um sim ou não” (TLP 4.023) e “a proposição constrói um mundo com a ajuda de uma armação lógica”, está apontando para a tese de que deve haver algo em comum entre o modelo e o modelado, isto é, entre a construção simbólica e algo no mundo. Uma possível concepção de ciência no *Tractatus*, portanto, está ligada à concepção de gramática lógica e, desta maneira, à sua teoria da representação da linguagem.

## “A proposição mostra a forma lógica da realidade” [TLP 4.121]

Há também um espaço importante que devemos considerar no pensamento de Wittgenstein: se as ciências naturais são disciplinas de caráter empírico, falar de conhecimento a priori sobre elas poderia significar a revitalização de um espaço metafísico. Neste sentido, como podemos saber se há relações mais ou menos causais entre eventos, situações e fatos? Segundo Wittgenstein, nossa linguagem é que permite fazê-lo na medida em que todas as proposições são funções de verdade delas mesmas. Por isso, quando estabelecemos conexões nada mais fazemos do que conhecer suas *possibilidades* determinadas *a priori*. Não é o caso, portanto, de determinar a causalidade entre fenômenos e eventos através de algo empírico, como poderia alguém argumentar, pois são a tais possibilidades de conhecermos que chamamos *lei da causalidade*. A este respeito, então, o filósofo afirma: “A lei da causalidade não é uma lei, mas a forma de uma lei” (TLP 6.32) e “‘Lei de causalidade’, esse é um nome genérico. E assim como há na mecânica, dizemos, leis de mínimo – por exemplo, a de mínima ação –, há na física leis de causalidade, leis com a forma de causalidade” (6.321). Assim como nos aforismos subsequentes (TLP 6.3211 e

633), o que está em jogo não é a existência de uma lei a priori, mas simplesmente a sua possibilidade a partir de uma forma lógica<sup>4</sup>.

Especificamente sobre a questão anterior, pode-se compreender que, no *Tractatus*, as leis não reconhecem sua regularidade na experiência dada pelos próprios fenômenos, e aqui Popper tornar-se-ia um dos principais herdeiros do debate, uma vez que as proposições que construímos de determinadas formas lógicas servem como algo *a priori*. Segundo Tomasini Bassols (2010, p.29), por exemplo, “falar de leis é indicar regularidade, mas indicar regularidades é aludir a conexões que podemos pensar e, portanto, enunciar”. Com isso, a velha ideia de causalção, agora, está colocada entre parênteses e assume uma nova forma: ao conhecermos a priori as propriedades formais da linguagem, pode-se, então, determinar as relações causais entre fenômenos e eventos.

Da tese apresentada explica-se, enfim, aquilo que Wittgenstein havia exposto no aforismo 5.1361: “Os eventos do futuro, não podemos derivá-los dos presentes. A crença no nexos causal é a superstição”. Assim, a causalidade não é um postulado mental e, muito menos, algo que seja extraído da observação relacional entre os fatos, eventos ou fenômenos. Se uma proposição pode, logicamente, determinar seu alcance a priori, então, significa que a ocorrência independe dos próprios fatos e, conseqüentemente, impõe uma espécie de descrição de mundo. Em outras palavras, é dizer que as teorias científicas são redes linguísticas para capturar fatos do mundo, uma vez que a descrição está adstrita ao universo daquilo que se propõe mostrar. Se, por exemplo, lançarmos uma *rede* para capturar salmões, esta rede não permitirá descobrir nem mais e nem menos do que o objeto que se propõe. E por isso, segundo o *Tractatus*, as teorias não podem exceder-se em generalizações empíricas, pois aquilo que podem terminar aprioristicamente não passam de um constructo teórico ancorado no simbolismo linguístico e no campo de possibilidades do espaço lógico.

Wittgenstein reafirma, portanto, a tese de que todos os fatos possuem igual valor e, assim, podem ser contingentes na medida em que podem ou não ser o caso. Obviamente, isso significa dizer que todas as proposições que representam o mundo têm igual valor e, portanto, não tem valor algum, pois o mundo é um todo limitado por fatos e suas possibilidades determinadas pelo espaço lógico. Desta visão do mundo como totalidade limitada há a expressão de que nele só há fatos e,

<sup>4</sup> Isso poderia explicar, por exemplo, porque os primeiros escritos de Wittgenstein expressam a visão de que a filosofia é independente das ciências naturais, permanecendo assim em grande parte dos trabalhos posteriores. Segundo Smith (2017, p.211), então, “provavelmente não há mudança de princípio no trabalho posterior de Wittgenstein no que diz respeito à independência da filosofia e da ciência, embora sejam consideradas diferentes razões do porquê a investigação filosófica e científico-natural são autônomas. Em 1929, uma época em que o pensamento de Wittgenstein estava em transição das ideias que dominavam o *Tractatus*, a ética era, no entanto, considerada “supernatural” e completamente fora do assunto e da metodologia de investigação científica”.

portanto, nada valor. É por isso que a ciência se movimenta *dentro*, enquanto a ética se movimenta *fora*. O *Tractatus*, assim, recusa o cientificismo na medida em que o modo como se explica *dentro* também serviria para explicar *o que não pode ser dito*.

Posteriormente, o cientificismo continuará sendo crítico por Wittgenstein. Em *Blue Book*, por exemplo, escreverá que uma corrente distintiva do pensamento moderno é uma tendência irresistível, porém enganosa, de fazer e responder perguntas da maneira como a ciência faz, isto é, reduzindo a explicação dos fenômenos naturais ao menor número possível de leis naturais primitivas (BB 18). Nas anotações de *Culture and Value*, por sua vez, Wittgenstein se apôs ao que descreveu como “superestimação da ciência”, isto é, uma atitude de desencantamento com o mundo, haja vista que precisamos despertar para a admiração, pois a “ciência é uma maneira de nos enviar de volta a dormir” (CV 5).

“O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer: portanto, proposições da ciência natural – portanto, algo que nada tem a ver com filosofia (...)” (TLP 6.53)

O *Tractatus* detecta, em um senso absolutamente direto, que as linguagens científicas cumprem seu papel na medida em que a) a linguagem sendo decomposta em orações, e b) estas em concatenações entre nomes, c) permitem que haja uma relação entre o modelo e o fato. Por isso, é necessário que no interior desta relação os modelos e seus elementos *representem* a mesma relação que mantem entre os elementos do fato. Grosso modo, o exame de tal linguagem formal nos permite saber, por exemplo, se a proposição é um retrato lógico do mundo, isto é, tal oração pode ser tomada como significativa porque é um retrato de um fato possível ou uma combinação de retrato possível. Entretanto, é importante destacar que, segundo Wittgenstein, não há fatos lógicos, assim como as verdades da lógica não dizem nada – *apenas* mostram a estrutura dos fatos e das proposições.

Se o interesse de Wittgenstein não está ancorado no indutivismo e no mentalismo, então, resta saber o que ocorre quando a ciência, como é o caso, por exemplo, da física newtoniana, apropria-se de propriedades como dureza, impenetrabilidade, rigidez, inércia, entre outros, para definir um conceito – como *corpo*. Assim, dizer que uma mesa é impenetrável é emitir uma tautologia; e estas, segundo Wittgenstein, não é um retrato dos fatos, assim como afirmar que esta mesma mesa não é rígida, o que configuraria uma contradição. Devemos enxergar, portanto, que há uma nítida fronteira, por um lado, entre os conceitos que fazem

parte da linguagem científica e, por outro, a estrutura formal da linguagem que determina toda e qualquer representação possível. Wittgenstein, ao que parece, não está interessado no papel prático da ciência, mas nas condições estruturais que antecedem o movimento da linguagem científica sobre o mundo<sup>5</sup>.

Por isso, a ingênua ideia de uma conexão essencial entre causa e efeito, tipicamente alicerçada na visão moderna de ciência, é eliminada. Obviamente, isso não significa dizer que toda e qualquer explicação científica não dependa da existência de leis para cartografar o mundo, porém não é o caso de que o antigo recurso da causalidade possa ainda ser utilizado com a mesma força. Conforme Wittgenstein escreve, a crença no nexos causal é uma superstição, pois o comprometimento com as consequências do mecanismo associativo entre os fenômenos e sua generalização não passa de algo intrínseco a nossa forma natural de pensar. Nos aforismos 6.362 e 6.363, o autor indicará que “o que se pode descrever pode também acontecer, e o que cumpre à lei da causalidade excluir tampouco se pode descrever”, bem como que “o processo de indução consiste em adotarmos a lei mais simples que se possa pôr em consonância com nossas experiências”. E, logo na sequência, afirma que tal processo [causal] não tem nenhum fundamento lógico, mas apenas psicológico (TLP 6.3631).

Sem dúvida alguma, a posição de Wittgenstein sobre a ciência e as teorias científicas evoca a ideia de que estas funcionam como *redes* que, de forma ‘a priori’, permitem falar com êxito da realidade. Entretanto, no *Tractatus*, duas questões se tornam fundamentais: primeiro, que as teorias científicas não são meras generalizações indutivas e, segundo, que elas não podem ser tomadas como “descrições da realidade”. A primeira tese é resultado do fato de que o êxito de nossas previsões ocorre em um nível puramente lógico; a segunda, por sua vez, é que as teorias científicas não versam diretamente sobre os objetos, mas sobre os termos teóricos e a fineza de suas relações. Assim, se há uma filosofia da ciência em Wittgenstein ela, por um lado, implodiria os edifícios da filosofia da ciência e, por outro, manter-se-ia afastada de uma visão realista.

Assim, se a ciência não explica diretamente os fatos, em que medida podemos aceitar que suas descrições sejam verdadeiras e suficientes? O valor da ciência é, portanto, fundamentalmente prático. Suas abordagens não permitem apenas manipular e construir o mundo, mas também reformulá-las constantemente na medida em que suas redes teórico-explicativas nos mostram outras *finezas* do mundo. Com isso, se há um aceno de Wittgenstein no *Tractatus* à ciência, ele não é um aceno propriamente otimista. Ao contrário, situa nas armadilhas da linguagem o modo como nós, ou a ciência, podem pensar e representar o mundo. Filósofos,

5 Conferir, neste sentido, o trabalho editado por Jonathan Beale e Ian James Kidd, *Wittgenstein and Scientism* (Routledge, 2017).

como afirmar no *Livro Azul*, se encontram embriagados em fazer aquilo que não deveriam, uma vez que a própria ciência também cairia em equívocos metafísicos:

Filósofos constantemente veem os métodos da ciência diante de seus olhos, e são irresistivelmente tentados a responder questões do modo como a ciência o faz. Essa tendência é a fonte real da metafísica, e leva o filósofo à completa escuridão. Eu quero dizer aqui que nosso trabalho nunca pode se reduzir qualquer coisa a qualquer coisa, ou explicar qualquer coisa. A filosofia realmente é puramente descritiva (Wittgenstein, 1958, p.18).

O anticientificismo de Wittgenstein, que aparecerá fortemente em seus escritos tardios, parece culminar com sua atitude crítica e de indiferença à cultura ocidental moderna – uma atitude no qual seria “absurdo acreditar que a era da ciência e tecnologia seja o começo do fim da humanidade” (CV, p.56). De qualquer modo, dado a conhecida hostilidade de Wittgenstein aos tratamentos sistemáticos, até onde se sabe ele nunca usou o termo “cientificismo” e, por isso, tentar defini-lo poderia ameaçar a própria crítica à prática científica e, conseqüentemente, ameaçar sua concepção terapêutica de filosofia. O fato é que, do *Tractatus*, emerge um horizonte fecundo à epistemologia e, sobretudo, à filosofia da ciência na medida em que ele revitaliza um debate adormecido sobre o próprio papel da ciência na experiência cotidiana e nos valores humanos.

## Considerações Finais

De forma preliminar, é importante recordar que, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, a racionalidade científica moderna entrara em crise. As matemáticas e seu questionamento aos axiomas de Euclides (Gauss, Peano, Cantor, Bolyai, Lobachevsky, Riemann), a teoria da evolução (Lamarck, Darwin), o surgimento das “Ciências do Espírito” (Dilthey), bem como a Mecânica Quântica (Boltzmann, Planck) e a Teoria da Relatividade na Física (Einstein), haviam implodido os modelos de racionalidade científica. Por isso, tornava-se necessário não apenas a emergência de uma nova epistemologia para dar conta destes novos problemas, mas também a consolidação de uma imagem de ciência que tomasse sua própria gramática como *modus operandi*. Assim, o *Tractatus*, longe de desenvolver alguma concepção de ciência ou filiar Wittgenstein ao jargão de “filósofo da ciência”, busca simplesmente clarear o ranço metafísico do realismo científico e, conseqüentemente, destronar o debate entre acesso direto e indireto aos objetos que compõem a realidade ou o mundo.

A aversão de Wittgenstein não é, portanto, à ciência, mas ao grotesco cientificismo que se equivoca em seu próprio método. Aliás, Wittgenstein está mais

interessado em fazer um prognóstico sobre o papel da filosofia, uma vez que esta sim, ao contrário da ciência, consiste em “nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural – portanto, algo que nada tem a ver com filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições” (TLP6.53).

Neste sentido, enquanto as proposições científicas estão submetidas ao rigoroso exame lógico, o trabalho filosófico não é jamais esgotado. Wittgenstein expressou, em um dos aforismos finais do *Tractatus*, que “mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa” (TLP 6.52). De qualquer modo, se tardiamente Wittgenstein ocupou-se de outras questões e teve algum novo propósito, parece inegável que estas, agora, em nada estariam se aproximariam dos personagens dogmáticos, demarcacionistas, relativistas ou negacionistas, pois o modo singular que o autor tratou o *problema da vida* expressa-se pela indicação de que o cientificismo é apenas uma imagem entre tantas outras<sup>6</sup>. Por isso, o *espaço do silêncio* não é uma simples consequência do logicamente pensável ou da limpidez e perspicuidade das gélidas montanhas da Lógica. Ao contrário, é aquilo que germina da enunciação de que “o Místico não é *como* o mundo é, mas *que* ele é” (TLP 6.44).

## Referências

BEALE, Jonathan; KIDD, Ian James (Ed.). **Wittgenstein and Scientism**. London; New York: Routledge, 2017.

CONDÉ, Mauro L. Science and its Grammar: Writing the History of Science through the Lens of the Later Wittgenstein. In: **Transversal: International Journal for the Historiography of Science**, 10, June, 2021, pp.1-17.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2011.

KJAERGAARD, Peter C. Hertz and Wittgenstein’s Philosophy of Science. In: **Journal for General Philosophy of Science / Zeitschrift fur allgemeine**, Vol.33, nº1, 2022, pp.121-149.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

6 Cf. TEJEDOR, Chon, Scientism as a threat to Science: Wittgenstein on self-subverting methodologies. In: Beale, Jonathan; Kidd, Ian James (Ed.). . London; New York: Routledge, 2017.

LUGG, Andrew. Wittgenstein and Scientific Representation. In: **Wittgenstein-Studien**, vol.10, nº1, 2019, pp.211-226.

TOMASINI BASSOLS, Alejandro. **Lecciones Wittgensteinianas**. Buenos Aires: Grama Editora, 2010.

PRESTON, John M. Wittgenstein, Hertz, and Boltzmann. In: GLOCK, Hans-Johann; HYMAN, John (eds.). **A Companion to Wittgenstein**. New Jersey: John Willey & Sons, Ltd., 2016.

PERUZZO JÚNIOR, Léo. Linguagem e Mente na Filosofia de Wittgenstein. In: **Argumentos**, ano 7, nº13, jan./jun. 2015, pp.195-209.

PERUZZO JÚNIOR, Léo. **Realidade, Linguagem e Metaética em Wittgenstein**. Curitiba: PUCPress, 2019a.

PERUZZO JÚNIOR, Léo. Intentionality, conceptual content, and emotions. In: **Revista de Filosofia Aurora**, vol. 31, nº54, 2019b, pp.833-847.

RYLE, Gilbert. Reviewed Work: Philosophical Remarks on the Foundations of Mathematics, by Ludwig Wittgenstein. In: **Scientific American**, Vol. 197, Nº3, 1957, pp.251-259.

TEJEDOR, Chon. **The Early Wittgenstein on Metaphysics, Natural Science, Language and Value**. Oxford: Routledge, 2014.

TEJEDOR, Chon. Scientism as a threat to Science: Wittgenstein on self-subverting methodologies. In: BEALE, Jonathan; KIDD, Ian James (Ed.). **Wittgenstein and Scientism**. London; New York: Routledge, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **The Blue and Brown Books**. Oxford: Basil Blackwell, 1958.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Culture and Value**. Oxford: Blackwell, 1980.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.